

A devoção vianense a Nossa Senhora da Agonia

ALBERTO A. ABREU

Nossa Senhora da Agonia não é a primeira grande devoção, nem sequer a primeira grande manifestação de culto mariano em Viana do Castelo. Não remonta além de meados do século XVIII, nem sequer como devoção sócio-profissional. Nasceu na paróquia de Monserrate, que resultou, em 1621, do desmembramento da de S. Salvador de Átrio, então já de Santa Maria de Viana. Quer dizer que a invocação cuja festa pautava o ritmo da vida pela sua emergência num momento crucial do ano¹ tinha sido Santa Maria, orago da *ecclesia mater* de Ovínia, mais tarde o Divino Salvador, quando a igreja cemiterial de Adro passou a servir sacramentalmente a parte sul e sueste desta área de concorrência de fiéis.

Mas o tradicional pendor mariano da religiosidade ibérico-noroestina fizera já nascer santuários dedicados à Virgem, que eram pólos de devoção: no extremo sueste do «*hereditamentum*» da vila de Viana, a ermida e centro de romagens de Santa Maria da Ajuda, festejada no mesmo dia que a do outro extremo, Santa Maria de Vinha, a 8 de Setembro. Convergente-mente, a igreja construída no centro da vila, mesmo no local do Penedo onde, junto à torre de menagem, reunia o concelho, era dedicada a Santa Maria Maior, como o eram as sés portuguesas (de longe o anseio de Viana em ser sede diocesana) e em breve se transformou em igreja paroquial (matriz). Pelo início da Idade Moderna, entre a Ribeira e a Portela, erigia-se uma igreja em honra de Nossa Senhora de Monserrate, que em 1621, mercê dos espectacular crescimento da vila nos cerca de 150 anos que

1. Cf. Abreu 1990: 2ab; Lima 1994a.

vinham da recuperação do século XV até então, se tornava, como disse, sede paroquial. Em 1744, as duas igrejas paroquiais de Viana são da invocação de Santa Maria Maior (Nossa Senhora das Neves/Assunção) e de Nossa Senhora de Monserrate. E o território da vila ainda contém a ermida de Nossa Senhora da Conceição e a igreja conventual de Nossa Senhora do Carmo, além do relevo que Nossa Senhora tinha na igreja de Santo António (da Província da Conceição) e noutras igrejas e capelas.

Por outro lado, os pescadores, gente em tanto dependente dos acasos do tempo e do clima, desde cedo tinham em Viana centros tópicos de devoção. A Santa Catarina se teria construído na Alta Idade Média uma basílica que escavações recentes vêm revelando, ao que parece. Esta teria dado origem a uma capela medieval, que em 1596 ficou incluída na área do castelo de S. Tiago da Barra, em substituição da qual veio a ser construída a nova capela que ainda existe com esta invocação na Ribeira de Viana. Mas a «*deuotio* moderna», muito mais cristotípica, fez do Santo Nome de Jesus primeiro, do Bom Jesus depois, o padroeiro da Confraria dos Mareantes. (E o Senhor dos Aflitos, proveniente da igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, muito embora, ainda desfila em lugar de destaque na procissão de Nossa Senhora da Agonia). Mas na capela dos Mareantes, na Sé, quem figura no lugar do orago é S. Telmo, invocação que, decerto por influência dominicana e galega, se tornou protector dos homens do mar. E também, recentemente, quando a Senhora da Agonia começava a perder em devoção por ir ganhando em festa, o P.^o Daniel Machado foi lembrando que S. Pedro tinha sido pescador, colocou na igreja paroquial de Monserrate uma imagem do Apóstolo, e fez incluir um quadro alusivo a S. Pedro e os pescadores na procissão de Nossa Senhora da Agonia.

Mas foi esta invocação — Nossa Senhora da Agonia — que se tornou a grande devoção dos mareantes vianenses e o maior tópico de devoção mariana do Alto-Minho: foi até à sua imitação que se desenvolveram a festa e devoção a Nossa Senhora da Bonança em Vila Praia de Âncora e à Senhora das Dores em Monção, para citar dois exemplos sobejamente conhecidos.

1. Fixação do orago e do culto de Nossa Senhora da Agonia

O esporão sudoeste do Monte de Santa Luzia sobranceiro ao Campo do Castelo, pela sua posição marginal, mas também pela visibilidade de que beneficiava, tinha sido o morro da força. Mas também, por esta última qualidade, foi ele desde cedo utilizado como marca para entrada da barra

e, por isso, habitualmente caleado. Sede possivelmente de antigos cultos ou sagrado pela presença da morte violenta, aqui foi implantada, provavelmente pelos fins do século XVI², a capela de Nossa Senhora da Conceição. Pouco depois, em 1623, no sopé, junto à estrada de saída para o Norte, aqui se instalava uma capela da invocação de S. Roque, protector de peregrinos e viandantes³.

Em 1670, levantava-se, em Viana, uma via sacra que contornava a vila pelo Norte, desde o Convento de Santo António, pelas Ruas da Amargura e S. Tiago e Campo da Penha, até à ermida do Calvário entretanto construída no Morro da Forca⁴. Era habitualmente orientada pelos irmãos terceiros franciscanos, realizava-se nos dias festivos da Invenção e Exaltação da Santa Cruz e nas sextas-feiras da Quaresma, e terminava, com pregação, na capela do Santo Sepulcro⁵. A capela respeitante à crucifixão do Senhor ainda subsiste no adro da Senhora da Agonia, com nome de Capela do Senhor do Calvário, com retábulo seiscentista representando a morte do Senhor⁶, que a via-sacra fizera construir também.

Mas a que se destinava a ter uma sorte muito diversa e capaz de afectar a de todo o conjunto foi a capela terminal. Aí, no fim da via-sacra, construiu um padre de nome João Jácome do Lago, em 1674, uma «capela do Santo Sepulcro que está no fim da via sacra», para cujo sustento e manutenção afectava um campo de cerca de 0.6 ha no lugar da Ponte Nova, freguesia de Areosa. Esta base de sustento, só dando para um cântaro de azeite por ano, era escassa, mas a capela em análise era, apesar disso, considerada digna de aí se celebrar a Eucaristia⁷. A sua localização no termo da via-sacra cedo a fez mudar de denominação, pelo que, em 1696, era conhecida pela denominação de capela do Bom Jesus da Via Sacra⁸. Em 1720, quando o cônego Félix Gândavo Parente fez dela sua capela funerária, paramentando-a e trastejando-a de todo o necessário⁹, era ela denominada de «o Bom Jesus da Via Sacra [. . .], por ficar na parte pública e do concurso da devoção da Via Sacra» e servir «de passo em uma das estações dela»¹⁰. E é com esta denominação que a encontramos em 1737.

2. Fernandes 1990: 102a.

3. Cf. Araújo 1963: 7; Fernandes 1990: 96b-97a.

4. Araújo 1963: 8; Abreu 1986: 3; Fernandes 1990: 97b; Abreu 1994.

5. Araújo 1963: 15.

6. Fernandes 1990: 101b.

7. Araújo 1963: 7, 15; Abreu 1986: 4, 19-22.

8. Araújo 1963: 8.

9. Abreu 1994.

10. *Apd.* Abreu 1986: 4.

Mas cedo o referente mariológico se foi impondo, aliás ao gosto religioso da época ¹¹: já em 1706 o P.º Carvalho da Costa referia esta capela como de «Nossa Senhora da Soledade (a que chamam a Via Sacra)» ¹². Local bem visível ao entrar a barra (onde se colocava a bandeira anunciadora de epidemia de peste quando a havia no século XVI e onde em 1875 foi colocado um farol ¹³), desde cedo a Senhora da Soledade, que sofreu a agonia da perda do Filho, foi invocada nas agonias dos mareantes, na sua desigual luta com o oceano ¹⁴. E, em 1744, já a invocação da capela é a de Nossa Senhora da Agonia ¹⁵, orago que se manterá doravante.

Mas a devoção barroca comprazia-se no paralelismo (teologicamente discutível) entre Jesus Cristo e Virgem, e a religiosidade portuguesa é muito mais mariana que cristocêntrica ¹⁶, como se disse. Em 1758, ainda o pároco de Monserrate localizava aqui, a par de S. Roque e da Capela de Nossa Senhora da Conceição, «o Bom Jesus da Via Sacra [. . .] e a capela do Santo Cristo que serve da penúltima cruz ou estação da via sacra», que ainda lá se encontra, como disse. Mas foi com a invocação de Nossa Senhora da Agonia que esta capela (depois igreja) se tornou «o mais importante centro de devoção mariana» de Viana do Castelo ¹⁷, que ainda hoje é. Esta denominação, porém, também se não impôs duma só vez, já que ainda nos *estrangeros no Lima* (1785), a capela é denominada de «N. Senhora da Soledade» ¹⁸. Foi com a colocação da imagem de Nossa Senhora da Agonia que aumentaram as promessas e ofertas à Confraria ¹⁹. A capela tornou-se, depois, importante centro devocional e, depois ainda, centro de romagem, particularmente a partir do momento em que os mareantes (além de outros que já a utilizavam) aqui passaram a vir pedir ajuda e cumprir promessas.

Mas não foram, inicialmente, os pescadores e mareantes os devotos da Senhora da Agonia. O «ex-voto» mais antigo, de 1733, ainda não é de motivo náutico e foi oferecido por um homem de Darque a quem a Senhora salvou «de um estupor». E ainda em 1840 uma mulher da Areosa oferecia um outro, por a Senhora a ter ajudado num difícil e prolongado trabalho

11. Cf. Abreu 1986: 4.

12. *Apd.* Araújo 1963: 8.

13. Abreu 1986: 5.

14. Machado 1961; cf. Lima 1994: 184.

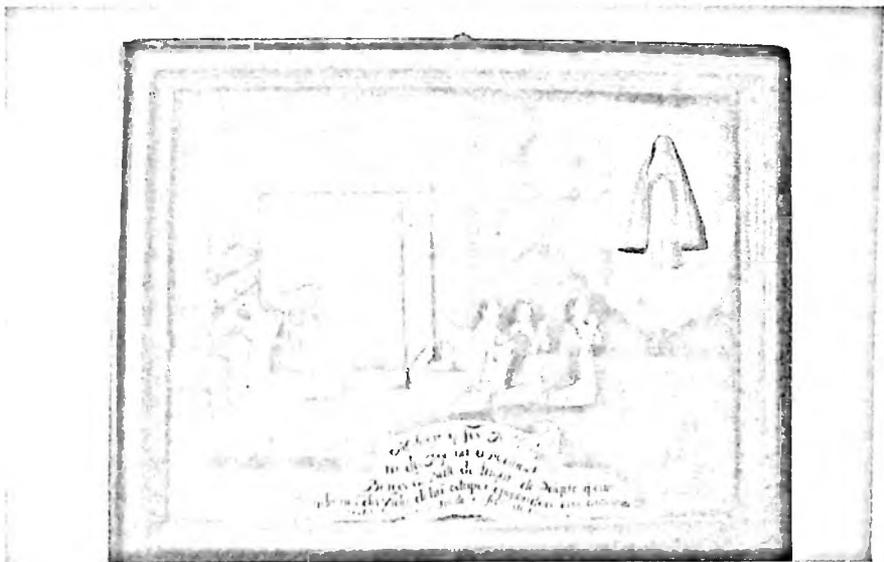
15. Abreu 1994; Araújo 1963: 9.

16. Abreu 1986: 5.

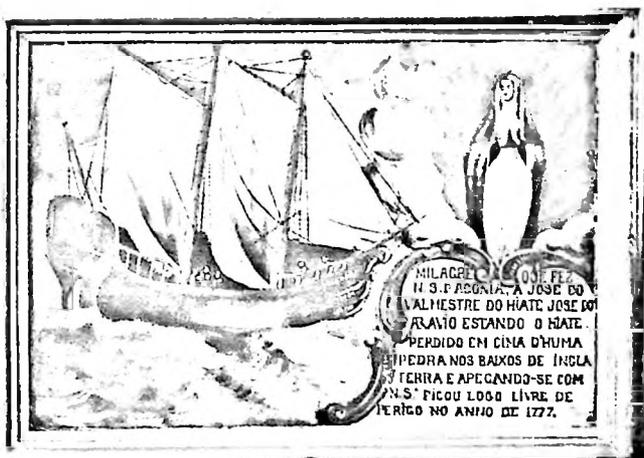
17. Abreu 1994.

18. Cf. Abreu 1986: 4-5.

19. Araújo 1963: 15.



Ex-voto de 1733. Manuel Borges de Brito, de Darque, agradece a Nossa Senhora da Agonia tê-lo curado «de um estupor». (Sala do Consistório da Confraria de Nossa Senhora da Agonia).



Ex-voto de 1777 agradecendo a Nossa Senhora da Agonia ter salvo um hiate de naufragar em baixios do mar de Inglaterra. (Sala do Consistório da Confraria de Nossa Senhora da Agonia. Foto de Félix Iglesias Llano).

de parto de dois gémeos. Nove dos 11 «ex-votos» conservados na sala do Consistório da Confraria, do século XVIII a princípios do século XX, é que são de motivo marítimo. Ainda em 1772 os documentos oficiais referiam que os vianenses têm «grande devoção [. . .] na imagem com o título de Nossa Senhora da Agonia [. . .] e a costumam festejar á sua custa»²⁰. Refere-se a imagem e Vianenses. Nenhuma referência exclusiva a pescadores. Foi só bem depois do fim do século XVIII que a devoção a Nossa Senhora da Agonia se tornou o culto dum bairro — a Ribeira — e do estrato sócio-profissional a esse bairro — os pescadores. E tanto o foi, que passou a ser no interior da nave da capela que se cortava o velame dos barcos pesqueiros (que, para os das carreiras do Brasil e da Grã-Bretanha, o preferido era o chão, mais amplo, da igreja de S. Domingos)²¹.

2. O culto a Nossa Senhora da Agonia — de romagem a romaria

De início, esta capela não passava de, em termos de devoção mariana, mais um centro taumatúrgico. Isto é: implantada nova imagem em nova capela, as pessoas passaram a acorrer a esta fonte nova de auxílio, com tanto mais afinco, quanto a novidade do caso lhes aumentava a motivação. Só um pouco mais tarde ela veio assumir o aspecto bairrista e sócio-profissional que ainda tem, quando passou a ficar ligado à classe marítima de Viana, que maioritariamente passou a viver no bairro pobre da Ribeira.

Entretanto, a afluência de devotos conferia à capela uma importância crescente. Resultava ela das graças obtidas de Nossa Senhora, sem dúvida, mas também das que a Igreja ia distribuindo aos devotos sob a forma de indulgências. Logo em 17 de Agosto de 1766 eram concedidos 40 dias de indulgência a todos os fiéis que, aos sábados, domingos e dias santos, aqui assistissem à solenidade celebrada em honra de Nossa Senhora e aqui rezassem um pai-nosso e três ave-marias²².

De facto, para que uma devoção se enraíze e se torne regional, é necessário que os fiéis da romagem recolham benefícios (milagres, curas, indulgências) e lhe correspondam missas próprias que justifiquem ofícios, sermões e festas, mas é também necessário que ela seja titular duma festa

20. *Apd.* Araújo 1963: 21; Abreu 1986: 9.

21. Araújo 1963: 71-72; Abreu 1986: 8.

22. Araújo 1963: 20; Abreu 1986: 7.

capaz de romper a lhanza chata do quotidiano e aí introduzir uma cunha de emoção, euforia, que seja capaz de substituir, nem que seja por um dia, o olimpianismo das regras de conduta estabelecidas, pela euforia dionisíaca, e que tudo isto tenha ainda como suporte arquitectónico uma edificação condigna e atractiva pela beleza ou imponência.

Impunha-se, por isso, a promoção desta capela na escala dos templos católicos, com a implantação de reserva eucarística²³. O que não era fácil no século XVIII, em que a grande fé na presença real de Jesus Cristo sob as espécies eucarísticas impunha a necessidade de obviar a que pudesse haver profanações e desrespeitos. Por isso, essa instalação ficava dependente de licença do ordinário, que só a concedia depois de se assegurar de que as instalações eram decentes e condignas e de que havia condições para uma lâmpada de azeite permanentemente acesa²⁴. Para satisfazer este último requisito, já em 24 de Agosto de 1774 uma noviça do mosteiro de Santa Ana tinha doado à Confraria 200\$000 para, com o respectivo juro, se adquirir o azeite necessário à veneração diária do Santíssimo Sacramento. Em vista do que, em 1776, se solicitava a erecção aqui dum sacrário, alegando-se que «a capela era uma das principais da vila <e> tinha capelão que morava em casas próprias». Por isto contrariar posições de rigorismo jansenizante, o prior de Monserrate averbou parecer contrário ao respectivo deferimento, alegando haver «profusão» de igrejas e capelas públicas com sacrário, por já haver quatro só na sua paróquia. Mas a insistência dos devotos através da Confraria foi tal, que, por breve de 14 de Abril de 1777, o papa Pio VI acabou por conceder a necessária autorização para a erecção do sacrário na capela de Nossa Senhora da Agonia. Foi depois disso que, a 21 de Julho, foi confirmada a escritura da noviça de Santa Ana, que se chamava agora sóror Maria da Horta de S. José Correia de Araújo²⁵. Nestas circunstâncias, o Santíssimo Sacramento foi solenemente instalado no domingo 17 de Agosto desse ano.

Mas uma devoção só se enraiza se não ficar dependente do templo, embora o fique da imagem. É assim que se criam centros de romagem. Por isso se fizeram registos da imagem de Nossa Senhora da Agonia. E logo num de 1776 se dizia que D. Gaspar de Bragança concedia 40 dias de indulgência aos fiéis que diante da imagem de Nossa Senhora da Agonia, aos domingos, dias santos, festividades de Nossa Senhora, sextas e sábados, devotamente rezassem sete ave-marias e uma salve-rainha²⁶. E

23. Abreu 1986: 9.

24. Abreu 1986: 9.

25. Araújo 1963: 16; Abreu 1986: 8, 9.

26. Araújo 1963: 60; Abreu 1986: 8.



**VERDADEIRO RETRATO DE N. S.
Q. SE VENERA EM VIANNA.**

(Registo oitocentista com representação
do cenotáfio de André Soares e palmitos
de couro pintado na banquetta do altar).

o papa Pio VI, por breve de 17 de Março de 1778, autorizou que se aplicassem pelas Almas as missas celebradas no altar-mor da capela de Nossa Senhora da Agonia (doc. n.º 2), às quais, pelo facto, concedia uma indulgência plenária ²⁷.

A partir de 1778, o aniversário da tão estimada efeméride que foi a instalação da reserva eucarística na capela de Nossa Senhora da Agonia passou a ser recordado todos os anos, com grandes festejos. Mas, porque as populações eram pobres e não podiam perder um dia de trabalho, a festa foi deslocada para o domingo mais próximo ²⁸, que então calhava a 18. Em 1780, como o dia 17 calhava a uma quinta-feira, o domingo mais próximo, em que se projectava fazer a comemoração da instalação da reserva eucarística, era o dia 20 de Agosto. Então, o Papa Pio VI, por breve de 18 de Fevereiro, concedeu aos fiéis que visitassem esta igreja após confissão e comunhão, os mesmos benefícios espirituais que concedera aos que, em idêntica disposição, visitassem a Basílica de S. Pedro e aí também rezassem pela paz entre os cristãos, pela extirpação das heresias e exaltação da Igreja. Ao mesmo tempo, por breve de 28 de Fevereiro de 1780, era conferido valor cimeiro às celebrações realizadas no dia 20, duma festa que começara a 18 de Agosto, ao ser concedida indulgência plenária aos fiéis, que, nas mesmas circunstâncias, visitassem esta igreja nos dias 18, 19 e 20 de Agosto (doc. n.º 2) ²⁹.

Faltava, porém, aquilo que então se reputava essencial: uma missa própria, a ser cantada no dia, o que só se conseguiu em 1783. Sucede que o dia 20 de Agosto, que se tornara, como vimos, o culminar do tríduo da festa, era liturgicamente o dia «natal» de S. Bernardo Abade. Pois foi para o dia 20 de Agosto que um decreto da Sagrada Congregação dos Ritos instituiu a missa de Nossa Senhora da Agonia com comemoração de S. Bernardo (doc. n.º 2) ³⁰. Foi a partir de então que, com missa própria, o dia 20 passou a ser o dia litúrgico, e portanto o dia maior da festa de Nossa Senhora da Agonia, com celebração de missa cantada. E a festa passou a ter mais uma razão — definitiva — para se desenrolar no tríduo de 18 a 20 de Agosto. Foi também em 1783 que a capela ficou também dotada com relíquias importantes: no dia 13 de Setembro, eram instalados num sarcófago-vitrine do segundo altar do lado da Epístola os restos mumificados e o sangue de S. Severino, e a Confraria adquiria um fragmento do

27. Araújo 1963: 18; Abreu 1986: 8.

28. Abreu 1986: 9.

29. Cf. Araújo 1963: 18; Abreu 1986: 8.

30. Cf. Araújo 1963: 19; Abreu 1986: 9-10.

Santo Lenho e fios do véu de Nossa Senhora³¹. Mas isto só ocorria nos dias de festa, porque missa dominical só aqui passou a ser celebrada a partir de 1822, por acórdão da mesa da Confraria³².

Toda esta devoção era sustentada pelos rendimentos administrados pela Confraria. Eram eles os provenientes de capital mutuado. Podemos ver a evolução do montante deste investimento no quadro seguinte, que pode eloquentemente servir de indicador do crescimento da devoção:

Capital emprestado a juros pela Confraria de Nossa Senhora da Agonia. 1774-1799 (em réis)

	1774	1775	1776	1779	1785	1792	1799
Manuel Afonso Rapão	118.200						
João Fernandes	19.200						
Francisco Álvares	19.200						
Manuel José Paz	9.600						
Basílio da Rocha		12.000					
Diogo Gonçalves			14.400				
Quitéria Martins				14.400			
Manuel Vieira Sousa					28.800		
João Esteves					21.600		
Manuel Luís						12.180	
João Martins							28.800
Total acumulado	166.200	178.200	192.600	207.000	257.400	269.580	298.380

Fonte: Arquivo da Real Irmandade de Nossa Senhora da Agonia, *Testamentos e escrituras: 1680-1825*, fl. 28-28v, 43, 48, 52, 57, 63, 114, 117, 120, 129, 135, 146.

E a vertente mariológica da devoção à Paixão de tal modo se tornou dominante, que a capela do Senhor do Calvário perdeu a frequência de devotos e posteriormente a invocação. Em 15 de Agosto de 1829, a Mesa da Confraria, por convicções miguelistas sem dúvida, resolvia aí instalar uma imagem de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, que passou a dar nome à capela³³.

31. Araújo 1963: 19-20; Abreu 1986: 8.

32. Araújo 1963: 34; Abreu 1986: 8.

33. Fernandes 1990: 101b.

3. Génese arquitectónica da capela de Nossa Senhora da Agonia

A primitiva capela, da invocação, como se disse, do Santo Sepulcro, comportava já um pórtico precedido de escadas, e estava interiormente revestida de azulejos policromos «de tapete» ao gosto seiscentista. Deles se conservam ainda alguns exemplares na antecâmara da sacristia³⁴.

Em 1720, o cônego Félix Parente, da Colegiada da Matriz, quando quis instituir aqui a sua capela funerária, teve, como se disse, de «paramentá-la de todo o necessário para o culto divino e em ordem a na mesma se celebrar o sacrossanto sacrifício da missa». Feito o competente requerimento, foi a capela objecto de inspecção pelo visitador, que a achou «com grande asseio e decência». Para o conseguir e manter, tinha sido doado pelo cônego e sua mãe um campo sito no lugar de Seitas na Meadela que rendia anualmente o equivalente a 4 cântaros de azeite³⁵. Entretanto, para obras que se impunham devido à cada vez maior concorrência de devotos, teve de ser quebrado um penedo adjacente à capela, que a prejudicava. A parede fendeu e foi danificado o altar, pelo que os confrades reedificaram a capela, com um novo altar mais imponente. A licença para esta obra veio, afinal, posteriormente, em 18 de Janeiro de 1744³⁶.

Mas não era esta obra que satisfizesse devotos e confrades. Por isso, estes, em 1751, solicitam à administradora, D. Antónia Luísa Folgueira Gaio licença para adjungir, à capela já chamada de Nossa Senhora da Agonia, uma nave com nichos para os sete passos da Via Sacra, frestas e púlpitos, de modo a transformar a antiga capela do Bom Jesus do Santo Sepulcro do Calvário em capela-mor do novo templo, e encostar os alpendres às paredes laterais. Esta obra encontrava-se concluída em 1753³⁷. Mas era agora a capela-mor que se afigurava pequena. Por isso, a Confraria solicitou ao prelado licença para a ampliar, que lhe foi deferida pelo cabido bracarense em sé vacante³⁸. Feitas as obras a partir de 1752, graças ao vianense, enriquecido em Lisboa, Bento José Alves, que as custeou, foi a nova capela-mor benzida em 13 de Agosto de 1755, conforme duas inscrições em cartelas rococó colocadas à entrada da capela-mor, a primeira do lado do Evangelho e a outra do da Epístola (doc. n.º 1)³⁹.

34. Fernandes 1990: 99a-99b.

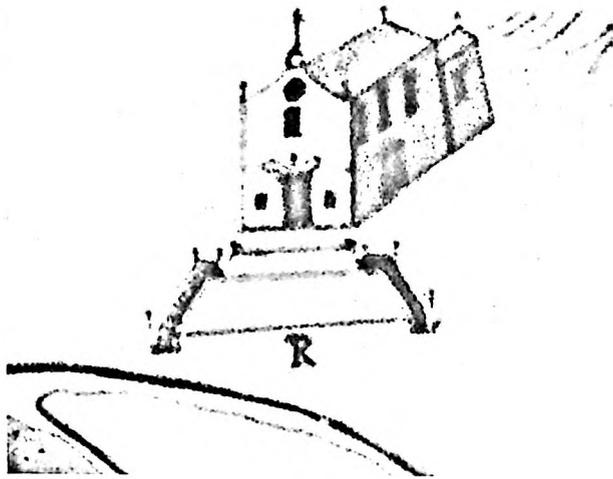
35. Abreu 1986: 4, 23-28.

36. Araújo 1963: 15; Abreu 1986: 5.

37. Araújo 1963: 15-16; Abreu 1986: 5-6.

38. Araújo 1963: 16.

39. Araújo 1963: 16; Abreu 1986: 6.



Capela de Nossa Senhora da Agonia em 1759. (Ampliado da planta de Viana de José Martins da Cruz).

É esta obra que Figueiredo da Guerra considera a «construção da capela»⁴⁰. E é esta capela renovada, com frontão invertido e partido, «em asas de morcego»⁴¹, que tão bem caracteriza a igreja de Nossa Senhora da Agonia, que podemos ver na gravura de José Martins da Cruz, de 1759.

Sobre a porta principal, acima deste frontão invertido, e no seu enfiamento, um óculo de recorte geométrico formando uma figura irregular, embora simétrica. É formado por um jogo de arcos de círculo. Sobre ele, um nicho com a imagem da padroeira em estilo rococó, com o corpo em encurvamento materno, condescendente e delicado, e panejamentos flutuantes; tanta importância lhe era conferida, que até 1844 era anualmente pintada⁴². O remate é em forma de frontão rompido e constituído por

40. Guerra 1877: 76.

41. Fernandes 1990: 98a.

42. Araújo 1963: 10.

aletas, duas de cada lado, entre as empenas dos cunhais e a central. Esta é rematada por uma cruz e as outras por coruchéus torsos.

Entretanto, para formar as banquetas dos altares da nave, a Confraria adquiria, em 1758-59, 36 castiçais e 6 cruzeiros⁴³. Mas a capela-mor renovada não era do gosto da Confraria, que, em 1762, encomendou um novo desenho ao arquitecto bracarense André Soares, a quem pagou, nas contas desse ano, a «planta q. fez [. . .] para o retábulo da Capela mor»⁴⁴. A respectiva obra de talha foi encomendada ao mestre João de Brito, que a deu por acabada em 1766. Entretanto, eram aí colocados os quadros representando os quatro evangelistas. Em 1767, concluía João de Brito a obra de talha do púlpito e, em 1769, a sanefa da capela-mor⁴⁵. As grades que separam a capela-mor da nave são obra dum mestre carpinteiro de nome Bernardo. No século XVIII, toda a capela-mor era dourada⁴⁶. Mas o púlpito e a sanefa do arco triunfal só foram dourados em 1773-74 e o retábulo em 1774-75 pelo mestre Rosa⁴⁷.

Destas obras resultou uma decoração interior em talha dourada predominantemente no estilo bracarense denominada «talha gorda», caracterizada por ornatos caprichosos a sugerirem o movimento das águas por entre as conchas e as rochas, volutas e fitas perfuradas⁴⁸. O sacrário apresenta uma porta simples e alta com a representação duma cruz floreada com uma coroa de espinhos ao centro, um sudário pendente de ambos os braços e assente sobre um enrocamento, bem claramente de recorte rococó. Emolduram-na motivos também rococó. Assim, o liso da porta sobressai na profusão de ressaltos, contrastes de luz e sombra e relevos do resto da talha.

O retábulo, desenho de André Soares, assume a forma de cenotáfio da Paixão e, do ponto de vista escultórico, evidencia o facto de que o artista bracarense, atingida a maturidade, começava a tornar-se menos dependente dos modelos klauberianos. Inovação característica desta fase é o recurso ao marmoreado verde para os fustes das duas colunas dotadas de dourados capitéis compósitos que enquadram o conjunto. Todo o resto da decoração se enquadra no modelo da «talha gorda» que caracteriza o estilo de Soares e que devia, sem dúvida, ser do agrado de quem lhe enco-

43. Araújo 1963: 14; Abreu 1986: 6.

44. Araújo 1963: 10; Abreu 1986: 6.

45. Araújo 1963: 10, 12, 14; Fernandes 1990: 98b.

46. Araújo 1963: 12.

47. Araújo 1963: 10, 13, 14.

48. Fernandes 1990: 98a.



Retábulo do altar-mor da igreja de Nossa Senhora da Agonia, risco de André Soares.

mendou o trabalho: pequenos frontões assimétricos, volutas auriculares, fitas enroladas, conchas estilizadas e motivos florais. Mas André Soares procurou também simplificar as superfícies e controlar a turbulência das linhas⁴⁹. Resultou, assim, um enquadramento ainda bem emocional, mas já bastante mais intimista para o conjunto da mãe e seis amigos que prestam a homenagem das lágrimas e do silêncio aos restos mortais do ente querido. É isto que representa este grupo escultórico de oito imagens: em madeira de castanho⁵⁰ policromada, as de Nicodemos, José de Arimateia, Santa Maria Madalena, Maria Salomé, S. João Evangelista;

49. Cf. Borges 1987: 143a.

50. Fernandes 1990: 99a.

o Senhor morto, em terracota; e, no vértice da composição, a imagem setecentista de Nossa Senhora da Agonia, de roca⁵¹, vestida de túnica roxa e revestida dum manto de seda animal azul bordada a ouro⁵². Teria ainda dois anjos, que foram depois retirados⁵³.

Os retábulos dos altares laterais, que já existiam em 1758-59, são constituídos por pinturas a óleo sobre tela atribuídas por Figueiredo da Guerra ao mestre italiano Pascoal Parente (+ 1792)⁵⁴ emolduradas com talha que se prolonga até uma banda horizontal, que as articula umas com as outras. Devem ser percorridos pelos devotos no sentido dextrorso, a começar pelo intercepção da nave com a capela-mor do lado da Epístola até entrar na capela-mor. Assim, percorrem-se os seguintes passos: Beijo de Judas, Flagelação, *Ecce Homo*, Verónica, Crucifixão, Deposição da Cruz, e Sepultura do Senhor (capela-mor). No tecto da nave, a imagem do Senhor ressuscitado contra um céu enquadrado em motivos rococó pintados sobre o estuque, a condizer com o conjunto da decoração da igreja.

O púlpito é uma notável peça de talha rococó, única na cidade, com a tribuna, o dossel e respectivas pilastras decorados com volutas, pequenos frontões e composições de conchas e concheados como algas do mar amoldadas a suportes convexos. A mísula de suporte é em granito lavrado, cuja traça se deve também ao mestre João de Brito. O actual corrimão de madeira, inspirado na grade do órgão, foi riscado e executado em 1950 por José Vítor Ferreira e dourado por Carolino Ramos, ambos artistas vianenses⁵⁵.

Em 1776-77 era encomendado ao mestre José António, de Braga, um órgão, cuja caixa em talha foi também encomendada ao mestre João de Brito⁵⁶. A ele se devem também os balaústres do coro⁵⁷. A ele parece dever-se ainda a talha dos altares de S. Severino e de Nossa Senhora da Boa Morte e dos outros altares da nave.

Em 1775-76 a Confraria fazia construir uma alameda de acesso ao santuário, que não chegou aos nossos dias⁵⁸. E em 1856, conseguiu licença do Governo Civil para a construção de duas torres, o que lhe foi conce-

51. Cf. Araújo 1963: 10.

52. Fernandes 1990: 99a.

53. Araújo 1963: 10.

54. Araújo 1963: 14; Fernandes 1990: 98a-98b.

55. Araújo 1963: 14; Fernandes 1990: 98b.

56. Fernandes 1990: 98b.

57. Araújo 1963: 14.

58. Araújo 1963: 80; Abreu 1986: 6.

dido, na condição de «que não deturpe a arquitectura da capela»⁵⁹. Em 1856 estava construída a torre poente do projectado par, com quatro sineiras, semelhante à da igreja das Carmelitas, pelo que ficou desencostada da capela, para o sino desse lado poder dobrar. Mas a torre verificou-se que desfejava o santuário e só comportava sinos pequenos, para poderem dobrar, pelo que não se chegou a construir a outra torre⁶⁰. Entretanto, a confraria conseguiu, em 1858, que o Rei autorizasse a ampliação do adro de 138 palmos em largura e 60 para a frente da capela, para a construção duma escadaria de aparato. As obras encontravam-se concluídas em 1861, com o muro de perfil em S, resultante do alargamento do adro⁶¹.

Nestas condições, o problema da torre exigia solução. Se a torre poente tinha resultado mal, não era de construir a torre nascente, e poderia mesmo pensar-se em eliminar o erro cometido. Foi o que se fez: a torre poente foi demolida e aberto concurso para nova torre. Foi, então escolhido o projecto de Manuel José da Cruz, de Lanhelas, que, em 1868, deu por concluída a torre traseira, para a qual vieram de Lisboa 9 sinos afinados⁶². Trata-se duma obra de estilo ecléctico predominantemente neo-românico e neo-barroco, com aberturas em arco de volta perfeita apenas com a «chave» evidenciada. O bolbo do remate, de secção quadrada mas sobremaneira elegante, é revestido a azulejo branco e está decorado com tulipas em cada uma das quatro faces. As sineiras dão para uma varanda protegida por uma grade em ferro forjado. E o remate deste terceiro andar contém quatro coruchéus florais nos ângulos, unidos entre si por uma balaustrada em granito.

Em 1871, foram aumentados sete metros de comprimento à igreja, o que, na altura, foi considerado um «vandalismo»⁶³. A última intervenção teve lugar em 1873, como consta de cronograma sobreposto ao frontão do portal da legenda que se lhe subpõe. Mas também esta obra não foi bem aceite: segundo Figueiredo da Guerra, ela fez-se «deformando o risco primitivo, que tão elegante era»⁶⁴. Mas, a partir de então, ficou definitivamente definida a planta da igreja com a sua característica nave em forma dum rectângulo com os cantos chanfrados.

Mas este cronograma, em forma de espelho recortado por rolarias, acentua o verticalismo do eixo principal do plano do alçado ocidental. Por

59. Araújo 1963: 30-31; Abreu 1986: 7.

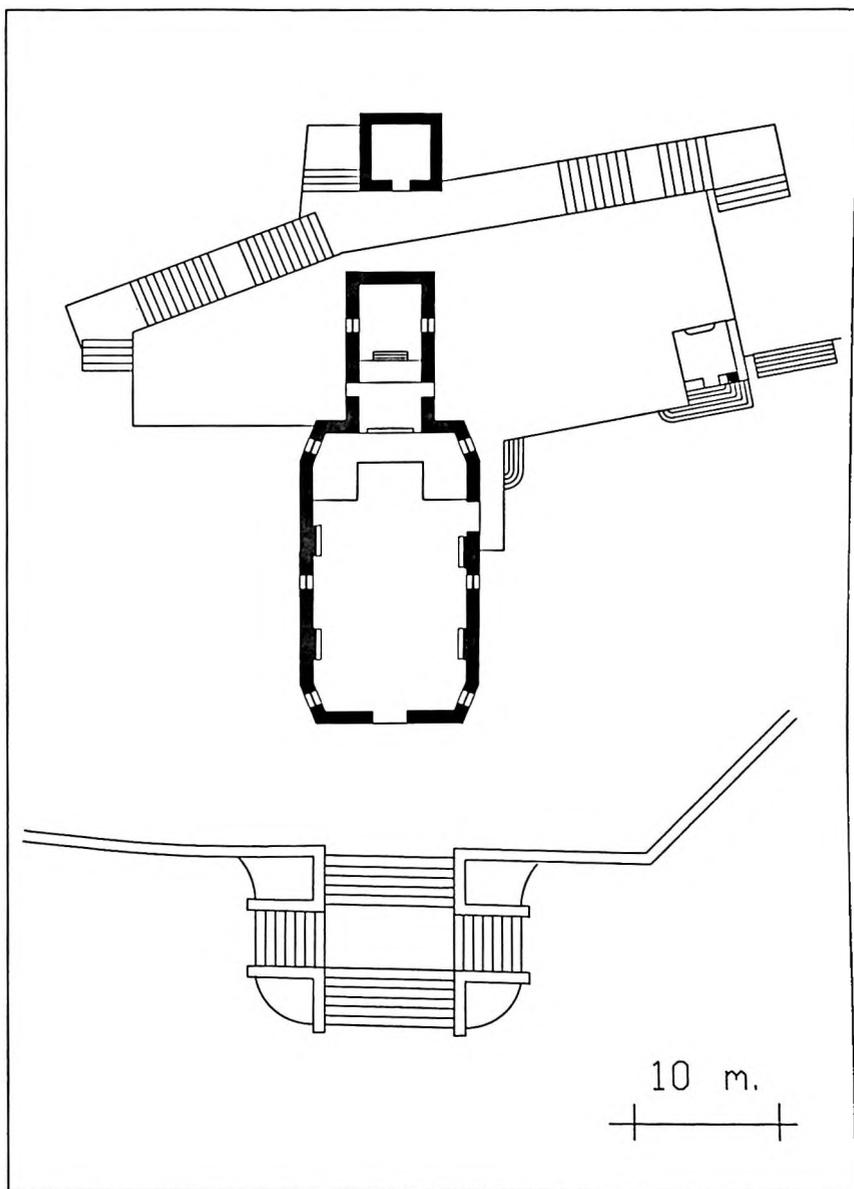
60. Araújo 1963: 47; Abreu 1986: 7.

61. Araújo 1963: 43-44; Abreu 1986: 7.

62. Araújo 1963: 47; Abreu 1986: 7.

63. Araújo 1963: 48-51; Abreu 1986: 7.

64. Guerra 1877: 77.



Planta da igreja de Nossa Senhora da Agonia.
(Digit. Rui Mesquita de Matos).

outro lado, este acréscimo veio transformar o rectângulo inicial da nave num octógono a sugerir uma ovalização do espaço interior. Assim, no exterior, os lados menores do octógono passaram a ser marcados, já não por uma, mas por duas pilastras cada um, e cada uma delas rematada por seu coruchéu. A cimalha ficou, assim com dois pares de coruchéus a ladear o frontão, entre os quais foi lançada uma balaustrada bem ao gosto do século XIX.

Acede-se hoje à igreja por uma escadaria de três tramos, tendo, nas intercepções, coruchéus constituídos por cráteras donde emergem motivos vegetais estilizados, à semelhança do que se fez no chafariz da Praça de Viana do Castelo e no chafariz do Terreiro em Caminha. Na escadaria não encontramos já o desencontro de direcções que caracteriza exemplares tardo-barrocos, como os dois últimos lanços do escadório do Bom Jesus, mas, à maneira neoclássica, três acessos convergentes para facilitar a subida às pessoas que tenham vindo de qualquer destas três direcções ortogonais.

4. A festa religiosa e a festa profana

As festas que aqui se celebraram foram, de início, todas de carácter comemorativo: a via-sacra, a Invenção de Santa Cruz (3 de Maio), a Exaltação de Santa Cruz (14 de Setembro), a entronização do Santíssimo Sacramento na capela (18 e depois 20 de Agosto).

Mas a festa de 17 de Agosto de 1777 foi já diferente. Constituiu uma ruptura no quotidiano, inclusivamente no seu calendário de rupturas programadas, a festa da entronização do Santíssimo Sacramento na capela de Nossa Senhora da Agonia, que ocorria pela primeira vez. Era uma festa inaugural. Em todas as festas anteriores, o tempo, sua marcação e sua reversibilidade eram factores dominantes. Mas, a partir de 1780, as coisas mudaram. A festa passou a constar de missa própria, o respectivo sermão e outras solenidades religiosas adjungíveis. Sem dúvida que a missa tem um carácter comemorativo (sacrifício incruento que reedita o sacrifício cruento do Calvário), carácter tanto mais saliente quando a língua usada era desconhecida e, por isso, as leituras que eventualmente pudessem versar outros tópicos da história da salvação passavam despercebidas. Mas agora é um ciclo de três dias — 18, 19 e 20 de Agosto — com cerimónias próprias que é erigido em tempo de festa⁶⁵.

65. Cf. Abreu 1986: 8; *Id.* 1990: 3e.

Foi a assistência crescente à celebração da Eucaristia (além de outras práticas litúrgicas e para-litúrgicas) que fizeram crescer o espaço interno da capela. Mas em 1893, ano em que as festas foram assumidas como festas da cidade, nem o espaço aumentado 20 anos antes se revelava já suficiente. Por isso, a comissão de festas então para o efeito criada, «para atender aos sentimentos religiosos dos romeiros, resolveu realizar, pelas 6 horas da manhã» do dia 20, «uma *Missa campal*»⁶⁶.

Desde o início que integrava estes festejos também a exposição e entronização do Santíssimo Sacramento, não fosse a sua instalação na capela a origem da festa. Que assim foi desde o início se colhe dum texto de 1800, segundo o qual, durante ela, «se adora o SS.^{mo} que regularmente está exposto nos dias da feira»⁶⁷. Era, aliás, costume enraizado na matriz devocional portuguesa a entronização do Santíssimo Sacramento no retábulo do altar-mor para homenagem e adoração. Mas esta prática passava a ser, aqui, contrariada pela arquitectura do cenotáfio soaresco. Por isso se chegou ao ponto de, em 1874, se ter resolvido colocar a imagem de Nossa Senhora da Agonia num altar lateral do lado do Evangelho, para no retábulo do altar-mor se poder colocar um trono para a exposição do Santíssimo⁶⁸. O conflito só foi resolvido com a instituição duma festa diferida em honra do Santíssimo Sacramento, o «Dia do Senhor», que se passou a localizar no domingo imediato ao dia 20 de Agosto⁶⁹.

Assim, a capela adquiria o papel de centro devocional por quase um mês. De 1 a 10 de Agosto rezava-se a novena de S. Severino, cuja festa se fazia a 10. De 11 a 20, tinha lugar a novena de Nossa Senhora da Agonia, cuja festa se celebrava a 20. No domingo imediato, que em 1857 ocorria a 23, celebrava-se o «Dia do Senhor». Ocorriam, assim, mais de vinte dias de festa⁷⁰, numa progressão ascendente de grafo em «J» até ao pico do dia 20, com uma ressonância dele separada por menos de sete dias.

A romaria já em 1758, constava, ao que sabemos, de missa cantada acompanhada de orquestra, além do indispensável sermão⁷¹. No final do século, sabemos que se requisitara também a presença das corporações de bombeiros para fazerem a guarda de honra⁷². A capela era ornamentada com panejamentos (pregados com alfinetes) colocados sobre a

66. Festas de Agosto 1893, *apd.* Abreu 1986: 10.

67. *Apd.* Araújo 1963: 27.

68. Araújo 1963: 50.

69. Amadeu Costa 1981: 266.

70. Abreu 1986: 11, a partir de Araújo 1963: 43.

71. Araújo 1963: 79-80; Abreu 1986: 10; Fernandes 1990: 99b-100a.

72. Festas de Agosto 1893: 6; Abreu 1986: 10.



Antiga imagem de Nossa Senhora da Agonia que se colocava sobre a cabeça dos romeiros que dessem esmola e adquirissem um registo, junto do altar (ou andor) da Senhora.

talha⁷³, que já se estava cansado de ver todos os dias. Ao santuário afluíam pessoas, que aproveitavam a feira para aqui se deslocarem e vinham oferecer sal, maçarocas de linho, moedas de ouro, um ou outro bezerro, peças de vestuário que eram arrematadas em leilão⁷⁴. Os romeiros percorriam os altares do interior da capela no sentido da via-sacra, o que foi considerado indecente, decerto pela grande enchente de povo. Por isso em 1823 se desbastou o penedo a que ficava encos-

73. Abreu 1986: 10, a partir de Araújo 1963: 42.

74. Araújo 1963: 79-80; Fernandes 1990: 99b-100a.

tada a traseira da capela, para criar espaço para a romaria se fazer à sua volta ⁷⁵.

No exterior, este local de oração é devidamente assinalado: «uma brilhante iluminação garante o templo e o adro» ⁷⁶. Era feita com tigelinhas de sebo, copos de papel de cor pendurados das árvores ⁷⁷ e lâmpadas de óleo, que a Câmara tinha o cuidado de diligenciar no sentido de que não fosse do que exalava mau cheiro ⁷⁸. A partir de 1865, esta ornamentação é reforçada com arcos de buxo verde a iluminar de noite, colocados na frente da capela, no adro e na frente da torre ⁷⁹, concluída nesse ano. Fora do santuário, corria o arraial, com gaiteiros e pretos tocando clarins.

A feira franca é criada em 1772 por alvará de D. José ⁸⁰. Tinha lugar no Campo do Castelo, e decorria nos dias 18, 19 e 20 de Agosto, mas, no dizer de Figueiredo da Guerra, no terceiro quartel do século XIX, «ordinariamente dura até setembro». Segundo o mesmo vianense, era já na altura considerada «a melhor feira franca da provincia do Minho» ⁸¹, abrilhantada com diversões, concertos, espectáculos de pirotecnia, iluminações. A feira é um efeito da romaria e, por isso, um indicador da sua ressonância social. Mas ela também a fomenta, porque os feirantes que atraí são cristãos que se tornam, por isso, romeiros e gera riqueza que reverte sob a forma de esmolas e dádivas para os cofres do santuário ⁸². Aliás, a necessidade de incrementar as receitas está na origem da impressão de registos, que está documentada pelo menos a partir de 1775, precedida da confecção de fitas coloridas de seda chamadas «medidas» e que já eram vendidas em 1772 ⁸³.

A importância da feira torna-se bem evidente, se analisarmos o respectivo processo de instalação. O que D. José concede pelo alvará de 1772 é uma feira geral franca: podia-se aí vender de tudo e de toda a parte, atraía todos os tipos de feirantes. Mas a Confraria achou que devia requerer da Câmara Municipal obrigasse os comerciantes da vila «a hirem ao lugar da feira concedida com suas loges, com a comminação de que, não o

75. Araújo 1963: 35; Abreu 1986: 11.

76. Leal (1873): 10, 444b.

77. Araújo 1963: 80; Vasconcelos 1977: 16b.

78. Abreu 1986: 15.

79. Abreu 1986: 15.

80. Abreu 1990: 2e-3c; Fernandes 1990: 100a.

81. Guerra 1877: 76.

82. Cf. Abreu 1986: 11.

83. Vasconcelos 1977; 7b; Abreu 1986: 11.

fazendo, não poderão vender nos dias della couza alguma nas proprias loges e cazas e se lhe mandarão fichar em quanto durar a dita feira»⁸⁴. Tal não resultou, ou resultou mal, porque quatro anos depois estava a feira «ainda muito diminuida pela razão de que a mayor parte dos negociantes da mesma vila que traficação em roupas e pannos pelo meudo, capelistas, droguistas e os mais de mercancia e outros semelhantes repugnão conduzir as suas loges para o campo da feira vendendo ao mesmo tempo as suas manufacturas e generos em suas cazas»⁸⁵. É que os comerciantes de Viana não queriam arcar com a despesa de armar loja na feira; mas também não queriam a concorrência dos feirantes que lá se pudessem instalar. E em 1800 requereram à rainha a extinção da feira. Como isso ia de certeza prejudicar as receitas do santuário, invocaram um argumento religioso, não estivesse entre os contestatários um velho reitor do santuário: os «ajuntamentos nocturnos em que viviam de partido as mulheres prostitutas com os homens libertinos e desinfrizados a todo o tropel de vicios»⁸⁶. A Confraria contra-argumentou. Decerto era verdade a feira proporcionar ajuntamentos nocturnos de prostitutas, seus clientes e empregadores, além de outros desvios do comportamento socialmente desejado. Por isso, e porque o campo da feira ficava perto dos aquartelamentos, é que o arraial era rondado por escoltas de militares e oficiais de justiça⁸⁷. Mas a Confraria argumentava com razões de piedade, que se prendem às devoções eucarística e mariana, alegando que, «nos três dias de duração da mesma feira, é permanentemente venerada a imagem de Nossa Senhora da Agonia por inumeráveis fiéis, que, com fervorosa devoção lhe rendem cultos piedosos em um lindo templo onde com o devido decoro está colocado e se adora o SS.^{mo} que regularmente está exposto nos dias da feira»⁸⁸.

A feira, uma vez reposta, nunca mais deixou de se efectuar e chegou a ser a mais concorrida do Norte de Portugal. Ela constituía uma grande fonte de receita para a Confraria, que, à sua custa, para o efeito armava barracas no Campo do Castelo, que alugava ao mais elevado lance, sem preferências pelos comerciantes locais. Talvez por isso eles se tenham sentido melindrados. Mas foi por isso também que a Viana passaram a afluir, nos dias da feira, barraqueiros vindos do Porto, Braga, Guimarães e

84. *Apd. Araújo* 1963: 21-22.

85. *Apd. Araújo* 1963: 22.

86. *Apd. Araújo* 1963: 25.

87. *Abreu* 1986: 13.

88. *Apd. Araújo* 1963: 27.

Barcelos⁸⁹. A feira era, assim, um momento de comércio excepcional, único, e complementar do comércio local. Era esse um dos mais importantes chamarizes de gente. Aí se vendiam «peças de prata, ouro, diamantes, livros, bestas e fazendas alemãs, o que tudo se não encontra na dita vila»⁹⁰. A feira do gado realizava-se no contíguo Campo da Penha, depois chamado de D. Fernando⁹¹, hoje Praça General Barbosa.

A noite, o arraial era animado, além das iluminações, por exhibições de fogo de artifício. Por meados do século XIX, porém, ainda «a pyrotechnia [...] não ia além da media de, em 24 foguetes, 20, pelo menos, não passarem do chão.» Para divertir as pessoas, havia, segundo o testemunho de José Caldas, «as figuras e os arremêdos, em que os fogueteiros [...] nos davam a representação morphologica dos [...] herois menos gratos à memoria do povo», que eram alçadas no topo duma vara de pinho, arcabouçadas de bombas e postas a girar antes de estourarem sobre uma roda tangida por meia dúzia de valverdes. Tinha sido este o tratamento dado, por exemplo e segundo o mesmo testemunho, a Napoleão Bonaparte e ao Marechal Saldanha⁹². Mas em 1875, já com as técnicas mais apuradas mercê da concorrência, o fogo, de satisfatório, tinha passado a ser requestado e, nesse ano, chegaram a queimar-se 98 dúzias de foguetes (1176) e 12 peças⁹³. A festa foi depois crescendo, aumentando e melhorando de atractivos, de modo a interessar cada vez mais as pessoas e dum aro cada vez mais largo, donde as pessoas acorriam à feira, à festa, ao arraial com as suas tocatas festivas⁹⁴. A primeira exhibição de fogo preso teve lugar em 1857, por iniciativa do pirotécnico vianense José de Araújo Soares Viana⁹⁵.

Assim, no final do século XIX a feira de Nossa Senhora da Agonia ia adquirindo o carácter de festa urbana: «os descantes ao som da viola, as esturdias e as danças» que os moralistas censuravam já «em diversas direcções percorriam as ruas»⁹⁶. Em 1882, a romaria de Nossa Senhora da Agonia era considerada «a mais concorrida romaria» do Alto Minho⁹⁷. José Caldas lamentava, por isso, que fossem desaparecendo os tradicio-

89. Castro 1962.

90. *Apd.* Araújo 1963: 27.

91. Severino Costa 1961.

92. *Apd.* Araújo (1966): 3, p. 58a-58b.

93. Abreu 1986: 15.

94. Fernandes 1990: 100a.

95. Fernandes 1990: 100a.

96. *Apd.* Abreu 1986: 14.

97. Leal (1873): 10, 444b; cf. Castro 1962.

nais descantes, rondas, jogos do pau⁹⁸. Mas, em contrapartida, são as bandas que tocam no adro, no campo e nas ruas da cidade⁹⁹, que se vê animada também pelo garrido do traje e o ribombar atroador dos zabumbas¹⁰⁰. Por esta altura são introduzidos nas festas também os gigantones e cabeçudos, cujo desfile passou a ser elemento indispensável da animação da cidade¹⁰¹. A partir de 1886 fizeram-se iluminações no rio, que passou a ser local de regatas e da serenata que se tornou famosa e que teve a sua primeira exibição em 1889¹⁰², com barcos iluminados e com música a bordo.

Por isso as festas foram crescendo. Em 1862 e 1873 chegou a calcular-se em 50 mil o número de forasteiros¹⁰³. É que, a abertura das estradas que ligavam Viana a Caminha e Famalicão e a inauguração da ponte, que ligou Viana ao resto do País em 1878¹⁰⁴, tornaram a festa mais cosmopolita, menos local. Em 1898, por edital de 9 de Agosto e para não privar de alimento os vianenses e os «milhares de fieis que de fóra alli concorrem por tal ocasião», o arcebispo D. António José de Freitas Honorato concedia-lhes dispensa de abstinência de carne nos dias 19 e 20 (sexta e sábado) de Agosto.

Por isso, passaram a ser reservados para a altura das festas os acontecimentos a que se quis dar projecção local e nacional. Foram os casos da inauguração da estrada para a estância de Santa Luzia, que teve lugar em 17 de Agosto de 1890, e da colocação da primeira pedra do templo-monumento ao Sagrado Coração de Jesus no mesmo Monte de Santa Luzia em Agosto de 1892¹⁰⁵. E no ano seguinte, organizadas por Manuel Segismundo Álvares Lima, aquelas que já então eram denominadas «festas de Agosto» se transformaram em festas da cidade de Viana do Castelo¹⁰⁶.

Animavam as festas espectáculos populares de vária ordem. Além de inaugurações, como a conclusão das obras do porto de mar (1894)¹⁰⁷, realizavam-se, desde 1871, touradas e garraíadas organizadas pelo Viana Taurino Clube e pelo Sport Club Vianense. Foi decerto pela disponibili-

98. *Apd.* Araújo (1966): 3, p. 58a.

99. Vasconcelos 1977: 9a.

100. Abreu 1986: 16.

101. Abreu 1986: 16; Viana (1989): 2, 112; Abreu 1990: 2c.

102. Severino Costa 1961; Fernandes 1990: 100a.

103. *Apd.* Castro 1962.

104. Severino Costa 1978; Abreu 1986: 15-16.

105. Severino Costa 1978: 58; Fernandes 1990: 100b.

106. Severino Costa 1978: 58-59.

107. Fernandes 1990: 100b.



As festas da Agonia em 1917.
Cachoeira da ponte e iluminação nocturna da Avenida Camões.

dade de espaço, mas principalmente pela proximidade do santuário da romaria que no Campo da Agonia foi construído o primeiro tauródromo vianense ¹⁰⁸. Em 1892, aparece pela primeira vez um circo nas Festas da Agonia ¹⁰⁹. Ao lado destes espectáculos, organizaram-se também provas desportivas: no rio, natação e regatas, organizadas pelo Ginásio Clube de Viana do Castelo; no velódromo da cidade, sito no Campo do Castelo, corridas de velocípedes ¹¹⁰. Os espectáculos pirotécnicos passam a ocupar os três dias das festas e adquirem o brilhantismo que lhes vem do brio, da concorrência e do bairrismo dos Silvas e dos Castros, que, além do fogo de artifício do ar e da serenata, criam a cachoeira na ponte, a batalha naval, o fogo na floresta ¹¹¹.

A primeira festa do traje ter-se-ia realizado em 1906 ¹¹². Mas a romaria de Nossa Senhora da Agonia só se transformaria em festa do folclore

108. Vasconcelos 1977: 19; Severino Costa 1961.

109. Severino Costa 1978: 58.

110. Fernandes 1990: 100a-100b.

111. Fernandes 1990: 100b.

112. Severino Costa 1962; Id. 1978.

e do traje regional, quando, pelos anos vinte deste século, um grupo de vianenses, entre os quais se destacou Manuel Couto Viana, se esforçou por reabilitar o traje regional. Quis-se mesmo fazer da romaria uma festa de folclore ao vivo. Para tanto, chegou-se mesmo a recorrer à atribuição de prémios às camponesas que se deslocassem à cidade envergando os seus trajos locais. E, porque isso não bastava e se afigurava urgente mostrar que o traje à lavradeira não era uma parolice, mas algo antropológicamente digno, as senhoras da cidade deram o exemplo e tomaram a iniciativa de trajar à vianesa durante as festas da cidade ¹¹³. Contudo, à primeira Parada de Trajes Regionais, realizada em 1931, concorreram poucas lavradeiras. O motivo de maior interesse foi, porém, as lavradeiras de Vilar de Murteda terem trazido velas votivas, costume que estava a cair em desuso.

A primeira das paradas agrícolas, antecessoras dos cortejos etnográficos realizou-se em 1908 ¹¹⁴. O primeiro cortejo histórico, porém, só foi realizado em 1948, para comemorar o primeiro centenário da elevação de Viana a cidade. Projectado à imitação dum que recentemente se fizera em Lisboa, desempenhava um papel cultural de dupla vertente: exaltatória, à maneira do que então se fazia com a História, e informativa, já que, «a par de vistoso espectáculo pictural sem magnificência mas com a conveniente dignidade, deveria constituir uma resenha animada e rigorosamente subordinada à verdade histórica dos fastos mais assinalados da vida de Viana e da acção dos vianenses através dos séculos» ¹¹⁵.

E assim a antiga feira-romaria de Nossa Senhora da Agonia, transformada em Festas da Agonia, adquiria, em meados do século XX, um figurino estereotipado de três dias de festa, com três sessões de fogo e um número de cartaz em cada um deles: procissão à tarde e fogo-preso no Jardim à noite; cortejo etnográfico ou histórico à tarde e fogo do meio no Campo com arraial à noite; festa do traje e tourada com serenata e outros números pirotécnicos à noite. Tendia-se para que este esquema se sucedesse por esta ordem, respectivamente na sexta-feira, sábado e domingo à volta do dia 20, entretanto tornado feriado municipal. Mas foi esquema difícil de impor, devido à resistência dos pescadores, que queriam por força que a procissão, em que o andor da Senhora era levado de barco à entrada da barra, tivesse lugar no dia 20 de Agosto.

Em contrapartida, por força dos atractivos profanos, numa época de religiosidade em crise, as festas vinham, desde o fim do século XIX,

113. Viana (1989): 2, 76.

114. Severino Costa 1978: 59.

115. Viana (1989): 1, 254.

sofrendo um processo de «secularização», no sentido que Silva Lima dá a esta palavra ¹¹⁶. Sintomaticamente, como já fui anotando, a Romaria de Nossa Senhora da Agonia, transformada em festas da cidade, ficou com o nome simplificado em «Festas da Agonia» (é essa a didascália que figura nos cartazes de 1912 e 1914 de Manuel Couto Viana) ou «Romaria da Agonia» (título do cartaz de 1933, também de Manuel Couto Viana), numa época em que os valores religiosos vinham sendo postos em «acentuada crise» ¹¹⁷. Ao mesmo tempo, pretendia-se que o calendário da festa se sujeitasse ao calendário laboral, o que obrigava as festas a localizarem-se em fim de semana. E a procissão, com a sua deslocação das imagens à entrada da barra e a teima dos pescadores em que ela ocorresse no dia da Senhora, dia esse que era o 20 de Agosto, ia transformando este acto num incómodo difícil de arrumar neste esquema de fim de semana gizado em função dos interesses das empresas e dos agentes turísticos. 1931 foi o primeiro ano em que as festas não coincidiram com o dia 20 de Agosto.

Mas a 20 de Agosto era o dia de festa dos pescadores da Ribeira de Viana. «Nesse dia, religiosamente respeitado», diz Mons. Daniel Machado, que na Ribeira de Viana nasceu e se fez homem, «amarram-se os barcos e fecham-se as 'panas' para visitar o santuário da Senhora. Pais e filhos vestem o melhor. Há prendas para os 'miúdos'. O jantar — o tradicional jantar — é melhorado. Há alegria em todos os rostos. A família sente, vive a festa da Senhora da Agonia.» O andor era levado pelos homens, garbosamente vestindo as tradicionais camisas quadriculadas. As mulheres iam atrás do pálio, de preto, empunhando uma vela da sua altura, em cumprimento dum voto. As crianças integravam o figurado da procissão, de «anjinhos» ou «figuras», conforme a idade. A Senhora da Agonia era madrinha de tantos deles e muitas meninas tinham recebido na pia baptismal o nome da Senhora ¹¹⁸.

Integrava a festa do dia 20 missa rezada e comunhão geral, e missa cantada a meio da manhã com sermão. (Entre os oradores lembro o P.^o Agostinho Veloso e o, também padre, Prof. Doutor Miguel Baptista Pereira). No fim desta missa, dava-se a beijar a «preciosíssima relíquia que contém fios do véu da Santíssima Virgem, Mãe de Deus e Senhora nossa, vinda da Cúria Romana, no ano de 1778». À tarde, havia procissão.

116. Lima 1994: 174.

117. Reis Ribeiro, in «Notícias de Viana»: 15 (721), 1994 Agosto 18.

118. Machado 1961.



Registo de Nossa Senhora da Agonia. Azulejo protector duma casa da Rua dos Poveiros. (Foto José Mesquita de Matos).

Procissão parece que desde muito cedo a houve e realizada com brio tal, que já em 1893 é qualificada de «pomposa»¹¹⁹ e nos programas do nosso século «imponentíssima». Quando se estereotipou o programa tríduo, esta ficou localizada no primeiro dia de festas, que se fez por calhar à sexta-feira, como se disse. Foi esta preocupação que em 1931 colocou as festas nos dias 14, 15 e 16, com procissão a 14, já que o dia 20 calhou na quinta-feira seguinte. Atropelos à data tradicional foram sucessiva-

119. Festas de Agosto 1893: 4-5.

mente sendo cometidos por força do peso das instituições estatais sobre os costumes locais e até sobre a Igreja, com desgosto, depois com raiva, dos pescadores da Ribeira.

Em 1968, o dia 20 calhava a uma segunda-feira. A procissão, por imposição do Turismo, realizou-se na sexta-feira, dia 17. Então, os pescadores, animados pelo pároco de Monserrate, P.^c Daniel Machado, resolveram não levar os andores ao mar nesse dia e promoveram uma procissão ao longo das ruas da Ribeira no dia 20, levando, como de costume, os andores, nos seus barcos, à entrada da barra. Foi a primeira procissão ao mar, que os programas turísticos omitiram, por as mentes bem-pensantes a considerarem iniciativa «abeatada, devoçozinha local em vias de extinção». E a ofensiva descristianizadora continuou, até ao encerramento da Praça da República aos cortejos e procissões. Ainda em 1993 o bispo de Viana do Castelo denunciava «tentativas de reduzir e converter as formas religiosas tradicionais», entre elas contando as festas religiosas que, segundo ele, «são postas em questão e nas quais se tentam infiltrar expressões de contraste e degradação»¹²⁰.

Ora, a resposta a esta descristianização foi, mais uma vez, uma reafirmação, um regresso às origens. Aí se verificou que «a história da devoção e da piedade vianense à Senhora da Agonia é a história do povo cristão em terra, por causa do rio e do mar». Povo de homens inteiros, feitos de fé, dor e raiva: «de braços a acenar, de orações gritadas, de blasfémias como profissões de fé, de lutos e orfandades»¹²¹. A procissão ao mar acabou por se impor como número imprescindível das festas. Para ela, as ruas da Ribeira cobrem-se de tapetes de flores e serrim, artes da pesca e símbolos do mar, para ornamentar o percurso da procissão, que, no regresso, percorre todas as ruas desse que de há cem anos vinha sendo o bairro piscatório da cidade.

Reconhece-se que as invocações de Nossa Senhora da Agonia e de Nossa Senhora dos Mares são as dAquele que aceitou colaborar com o Filho¹²², «da mãe que sofreu por nós e pela nossa salvação», da Senhora dos «mares que nos situam numa história de epopeias e tragédias, e nos dão a consciência colectiva do dever de olhar em frente com a confiança que a fé cristã fundamenta». Por isso, segundo D. Armindo Lopes Coelho, justificadamente se pede à Senhora a bênção sobre o mar. Porque esta bênção é uma bênção sobre o passado histórico, a aposta numa vida com

120. *Apd.* «Notícias de Viana»: 14 (673), 1993 Agosto 26.

121. D. Armindo Lopes Coelho, in *Notícias de Viana*: 14 (673), 1993 Agosto 26.

122. D. Armindo Lopes Coelho, in «Notícias de Viana»: 15 (722), 1994 Agosto 25.



Procissão ao mar. O andor de Nossa Senhora da Agonia a bordo e acompanhado de um cortejo de embarcações desloca-se à entrada da barra, a abençoar o mar. (Foto Gualberto Boa-Morte).



Procissão ao mar. No regresso, a procissão percorre as ruas da Ribeira atapetadas e engalanadas com artefactos marítimos.

dignidade, no trabalho que garante o progresso e a melhoria de nível de vida, é uma promessa de disponibilidade franca e entrega generosa, e a esperança de não sermos tutelados, mas protagonistas das vias e acções que conduzem ao progresso ¹²³.

Note-se, finalmente, que se assiste agora a uma recuperação do acento cristológico inicial, ao reflectir-se sobre o mistério de Maria. Com efeito, segundo palavras do bispo de Viana do Castelo, «Cristo, nascido de Maria, foi-nos dado como Menino; e deu-Se-nos, deu a vida, estando Maria (a Mãe) de pé, em compaixão de Agonia.» Maria é, de facto, «exemplo de compaixão na Paixão de Jesus» ¹²⁴. Por isso, através de Maria, da Senhora da Agonia, vamos ao encontro de Cristo crucificado por nosso amor e, no «Stabat Mater» que sistematicamente tem representado a cena do Calvário, confrontamo-nos com o mistério do amor de Deus e aprendemos a aceitar o sofrimento, a dor e a morte como elementos redentores ¹²⁵.

123. *Apd.* «Notícias de Viana»: 14 (673), 1993 Agosto 26.

124. D. Armindo Lopes Coelho, in «Notícias de Viana»: 14 (673), 1993 Agosto 26.

125. D. Armindo Lopes Coelho, in «Notícias de Viana»: 15 (722), 1994 Agosto 25.

Documento n.º 1

1755 — *O devoto Bento José Alves mandou fazer a capela-mor da capela de Nossa Senhora da Agonia em 1752. A obra estava pronta em 1755, ano em que foi benzida.*

— Duas cartelas em forma de folhas de acanto estilizadas colocadas respectivamente nos lados do Evangelho da Epístola e sobre o intradorso das pilastras do arco triunfal. Campo epigráfico em azul com letras douradas. Foram objecto de restauro recente, que não prejudicou as inscrições.

— Araújo 1963: 12-13; Fernandes 1990: 99a.

ESTA CAPELLA MÓR
MANDOU FAZER POR SUA DEVO-
ÇÃO BENTO JOZÉ ÂLZ NATURAL
DESTA VILLA E ASSISTENTE NA CIDA-
DE DE LISBOA CONCORREN-
DO PARA TODO O
MAIS ORNATO DEL-
LA E CORPO DA
IGREJA

SENDO JUIZ DA MEZA
DA DEVOÇÃO DE N. SENHORA NI-
COLÃO JOÃO BARBOZA DA SILVA, E ES-
CRIVÃO GONÇALO BARBOZA DE.
ARAUJO LIMA DESDE O
ÂNO DE 1.752 Q̃ TE
VE PRINCIPIO ATE
O DE 1.755 Q̃ SE BEN
ZEO

Documento n.º 2

18. . — *O papa Pio VI autorizou que se aplicassem pelas Almas as missas celebradas no altar-mor da igreja de Nossa Senhora da Agonia. Concedeu ainda a quem visitasse esta igreja as indulgências concedidas aos fiéis que visitassem os 7 altares da Basílica de S. Pedro em Roma, e indulgência plenária aos fiéis que (também confessados e comungados) visitassem esta igreja nos dias 18, 19 e 20 de Agosto. Por breve de 10 de Maio de 1783, institui a missa de Nossa Senhora da Agonia a 20 de Agosto.*

— Registo afixado na ombreira interior da porta lateral do lado da Epístola da igreja de Nossa Senhora da Agonia. Quadro em madeira de recorte rococó, com moldura prateada e campo epigráfico a branco com letras negras. Foi restaurado por pintor que não entendeu e, por isso, reproduziu incorrectamente o texto.

— Fernandes 1990: 99a.

O SS.^{MO} P. PIO VI

Por Breve datado em Roma em 17 de Marso d'1778, privilegiou perpetuamēte o altar mayor d'esta Igr.^a, para as Almas do Purgatorio; celebrando nele qualquer Sacerdote Secular ou Segular

O mesmo SS.^{MO} P.^c em 18 d Fevr.^o concede perpetuamae, todos os Fieis todas e cada hũa das Indulgências Semisões depeçados eselaxasõens d'penitencias, q.^s lucrarião se pesoalm.^{te} vizita sem os 7 Altares da Bazilica do Principe dos Apostolos S. Pedro e Roma se cõfesados, e sefeitos cõ a sagrada Eucharistia visitarẽ a D.^s pela paz e cõcordia Ëtre os Principes christaõs extirpasão das Erezias, e exaltasão da santa Madre Igr.^a

O mesmo SS.^{MO} P.^c ã Brève cõ a mesma data cõcede perpetuame.^{te} Indulg. plen. e Semisão d'todos os peçados aos Fieis q.^s dispostos do sobredito modo vizitarẽ esta Igr.^a nos dias 18,-19,-20, do mes d'Ag.^{to} orãdo ahi pelas mesmas pias intensoens de sua Santidade nesta concessão.

O mesmo SS.^{MO} P.^c ã 10 d'Mayo de 1783 concede perpetuam.^{te} agrasa d'q.^s no dia 20 d'Ag.^{to} ã q.^s sefasa solemniate d'N Snr.^a d'Agonia se podese cantar nesta Igr.^a a principal misa como em dia d'Asumpsão cõ comemorasão de S. Bernardo Ab.^c

O *SantiSsiMO Padre PIO VI* / Por Breve datado em Roma em 17 de Marso de 1778, / privilegiou perpetuamente o altar mayor d'esta Igreja, para as / Almas do Purgatorio; celebrando nele qualquer Sacerdote / Secular ou Segular / O mesmo *Santisimo Padre* em 18 de Fevereiro concede per- / petuamente, <a> todos os Fieis todas e cada hũa das In- / dulgencias Semisões de pecados e selaxasões de pe- / nitencias, que se lucrarião se pessoalmente vizitasem os 7 / Altares da Bazilica do Principe dos Apostolos S. / Pedro <m> Roma se confesados, e sefeitos com a sagr- / ada Eucharistia visitarem a *Deus* pela paz e concor- / dia entre os Principes christãos extirpação das / Erezias, e exaltasão da santa Madre Igreja / O mesmo *SantiSsiMO Padre em Brève com a mesma data* concede / perpetuamente Indul- gencia plenaria e Semisão de todos os peca- / dos aos Fieis que se dispostos do sobredito modo visitarem esta Igreja / nos dias 18,-19,-20, do mes d'Agosto orando ahi pelas / mesmas pias intensoens de sua Santidade nesta / concessão.

O mesmo *SantiSsiMO Padre em 10 de Mayo de / 1783* concede perpetuamente a grasa / de que se no dia 20 d'Agosto em que se se fasa solemnic<date de Nossa / Senhora d'Agonia se podese cantar ne- / sta Igreja a principal misa como / em dia d'Asumpsão com / comemorasaõ de S. / Bernardo *Ab.bade*

Obras citadas

ABREU, Alberto A.

- 1986, *Origens da romaria da Senhora da Agonia*, separata do «Boletim II» da II Exposição Filatélica Regional «Viana 86», Viana do Castelo, Secção Filatélica dos Bombeiros Voluntários.
- 1990, *Senhora da Agonia, festa e romaria: romaria que é uma festa*. «Jornal de Notícias», Porto, supl. da ed. de 1990 Agosto 17, pp. 2-3.
- 1994, *Igreja de Nossa Senhora da Agonia*. «Agenda», Viana do Castelo, Agosto de 1994.

ARAÚJO, José Rosa de

- 1963, *Memória da capela de Nossa Senhora da Agonia*, Viana do Castelo, Confraria de Nossa Senhora da Agonia.
- (1966), *Serão*, reed. de rodapés publicados no «Notícias de Viana», 3 vol., Caminha, Caminiana, 1982-1989.

BEIRÃO, Joaquim Gonçalves

- 1972, *Santuário de Nossa Senhora da Agonia*, separata do «Roteiro de Viana», 14, Viana do Castelo, s.n.

BORGES, Nelson Correia

1987, *Do barroco ao rococó*, in «História da arte em Portugal», 9, Lisboa, Alfa.

CASTRO, Francisco Cirne de

1962, *Romaria e feira da Agonia*. «Roteiro de Viana», Viana do Castelo, 4.

COSTA, Amadeu

1981, *Coisas da nossa Ribeira: o Senhor dos Passos da Matriz: lendas e não só...* «Cadernos vianenses», Viana do Castelo, 4, pp. 196-276.

COSTA, Severino

1961, *Para a história das festas*, in «Romaria de N.ª S.ª da Agonia», programa das festas, Viana do Castelo, s.n.

1962, Festa do traje. «Festa do Traje», Viana do Castelo, 10.

1978, *Verídica e pitoresca estória da Romaria de Nossa Senhora da Agonia com seu começo das brumas dos tempos e seu real corpo desde 1856 que é o ano em que o cronista soube de ciência certa como ela foi até aos nossos dias*. «Cadernos vianenses», Viana do Castelo, 1, 1978, pp. 55-59.

FESTAS DE AGOSTO

1893, *As festas d'Agosto em Viana do Castello: souvenir 1893*, Viana do Castelo, Typ. de André J. Pereira & Filho.

GUERRA, Luís de Figueiredo da

1877, *Esboço historico: Vianna do Castello*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

LEAL, Pinho

(1873), *Portugal antigo e moderno*, 12 vol., Lisboa.

LIMA, José da Silva

1994a, *Fêtes dans le Minho: réalité et culture*, separata das actas do colóquio «Ethnologie du Portugal: unité et diversité», Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian.

1994b, *A piedade popular mariana*, separata das actas do Simpósio Mariológico Santuário de N.ª S.ª da Penha», Braga, U.C.P. e Irmandade de N.ª S.ª do Carmo da Penha.

MACHADO, Daniel

1961, *Os pescadores e a Senhora da Agonia*. «Roteiro de Viana», Viana do Castelo, 3.

NOTÍCIAS DE VIANA

(1927), *Notícias de Vianna*, Viana do Castelo, 4.ª série, dir. J. M. Reis Ribeiro, 1 (1) - . . . , 1980 Janeiro 08 - . . .

VASCONCELOS, Maria Emilia de

1977, *Breve memorandum das festas da Agonia*, Viana do Castelo, autora.

VIANA, Manuel Couto

(1989), *Ferro-velho: memórias e estudos*, apresent. Alberto Antunes de Abreu, pref. António Manuel Couto Viana, 2 vol. Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1989-1990.

Realidade Pastoral, hoje *

Sob a invocação de Nossa Senhora da Agonia, sito no arciprestado de Viana do Castelo, paróquia de S. Domingos de Monserrate, sem capelão próprio e administrado pela Real Irmandade de Nossa Senhora da Agonia, o santuário situa-se em pleno campo da Agonia no meio da povoação e muito perto do mar.

A Eucaristia é ali celebrada todos os domingos às 8.00 horas com uma participação média de 120 fiéis, na grande maioria da paróquia, registando uma pequena percentagem quer de devotos de fora da paróquia quer de turistas. As intenções de missa são sempre pedidas pelos irmãos, em honra de Nossa Senhora da Agonia, aparecendo por vezes outros sacerdotes para celebrar. Todos os domingos e dias santificados ali se celebra a missa pelos irmãos, obrigação da Real Irmandade. No mês de Maio e na novena preparatória da Festa anual (20 de Agosto) há outras celebrações eucarísticas para cumprimento de promessas.

O santuário é frequentemente escolhido pelos noivos, sobretudo da freguesia, para a celebração do casamento, a avaliar pelos treze celebrados no ano de 1993. O sacerdote assistente é o pároco ou escolhido pelos noivos, sendo a animação da responsabilidade dos noivos que convidam algum grupo (o organista da paróquia costuma animar as restantes celebrações). Registam-se também outras celebrações de bodas de prata e de ouro matri-

* Este apontamento foi elaborado por JOSÉ DA SILVA LIMA a partir da resposta ao questionário que se publica em anexo. O ano de referência é 1993. As respostas ao questionário foram fornecidas pelo pároco, P. ARMANDO RODRIGUES.

moniais e encontros de grupos culturais e de empresas, sendo quatro os realizados no ano de referência. Não há nenhum sinal de qualquer devoção dos noivos deixado no santuário nem nenhuma devoção especial que mereça realce.

No ano de referência apenas se celebrou ali um baptismo, integrado na Eucaristia, presidido por um sacerdote amigo dos pais, não havendo também nenhuma devoção especial desta índole, nem nenhum sinal de predilecção especial.

Só por ocasião da festa, sobretudo na novena preparatória, é ali celebrado o sacramento da Reconciliação, com o pároco e outros sacerdotes, sendo a preparação a da pregação respectiva durante a novena. Não se registam caminhadas penitenciais, a não ser o exercício piedoso e público da Via Sacra na noite de Sexta-feira Santa que se inicia no santuário. São os adultos sobretudo que pedem este sacramento, na ocasião, e que deixam as suas esmolas em benefício da Irmandade. O santuário possui confessionários e não tem capela própria para as confissões.

Além da Via Sacra que se referiu, também se recita o terço, com os fiéis da paróquia, durante todo o mês de Maio.

A Festa assinala o grande tempo deste santuário por ocasião do dia da Senhora da Agonia, 20 de Agosto, precedida de uma novena de preparação. Trata-se da Romaria de Nossa Senhora da Agonia que assinala o Dia dos Pescadores, com a participação de gente de todo o lado e de todas as idades. A procissão assinala-a de uma forma vislumbrante desde o Campo do Castelo até ao santuário, percorrendo diversas artérias da cidade de Viana do Castelo, com estandartes, cruces, opas, andores, imagens, centenas de figurados, mortalhas, penitentes, autoridades e grupos. A Eucaristia é festiva com elevada participação e com uma alta percentagem de comungantes. Os fiéis ali deixam ficar os sinais da sua devoção em velas e esmolas e regressam com recordações, sobretudo pagelas da Senhora da Agonia. O santuário não tem orações próprias, mas possui ainda um outro ritual de encanto, ritual público, a «Procissão ao mar».

Sem estrutura turística, nem espaços para diversão, já que situado na cidade, o santuário acolhe, nos dias úteis, nas suas instalações anexas, jovens meninas nos tempos livres ensinando-lhes a fazer os «palmitos» característicos de Viana do Castelo. Na chamada «Casa do Capelão» está sedeadada a ACISJF (Acção Católica ao Serviço da Juventude Feminina).

No recinto do santuário há um farol que é o mais antigo da cidade, assim como uma capela dedicada ao mártir S. Roque; muitas pessoas ali rezam habitualmente pedindo a graça da cura para doenças delicadas (consideradas incuráveis). No mesmo santuário da Senhora da Agonia, celebram-se anualmente as festas em honra de S. Severino, S. Roque, Nossa Senhora da Boa Morte e ainda a festa do Santíssimo Sacramento.